


## Ressignificação da auto-organização dos estudantes na EFA de Marilândia: possibilidades, avanços e desafios

*Reassignment of student self-organization at EFA Marilândia:  
possibilities, advances and challenges*

*Reestructuración de la autoorganización de los estudiantes en EFA Marilândia:  
posibilidades, avances y desafíos*

Felipe Junior Mauricio Pomuchenq<sup>2</sup> 

Franklin Noel dos Santos<sup>3</sup> 

**Resumo:** A auto-organização dos estudantes é um processo de fortalecimento da coletividade e da vida de grupo, a partir da construção de sistemas orgânicos e democráticos de gestão. Relatamos, neste estudo, a experiência de resignificação da auto-organização dos estudantes de uma Escola Família Agrícola (EFA), iniciado no ano de 2016, fruto de um projeto de pesquisa e experimentação pedagógica (requisito para a formação inicial em alternância dos monitores). A metodologia da pesquisa se baseou em revisão bibliográfica, pesquisa de campo com auxílio de questionários e atividades de intervenção na escola. Por meio deste projeto, foi possível ampliar os espaços de formação e participação dos estudantes, melhorar a relação destes com os monitores e, após este período, estruturar este artigo como relato de experiência, acompanhado de análises sobre a prática da EFA, elencando avanços obtidos e outras perspectivas a serem alcançadas.

**Palavras-chave:** Auto-Organização. Coletividade. Participação.

**Abstract:** Students' self-organization is a process of strengthening collectivity and group life, based on the construction of organic and democratic management systems. In this work, we report the experience of resignifying the self-organization of students at an Escola Família Agrícola (EFA), started in 2016, as a result of a research and pedagogical experimentation project (requirement for initial training in alternating monitors). The research methodology was based on bibliographic review, field research with the help of questionnaires and intervention activities at school. Through this project, it was possible to expand the spaces of training and participation of students, improving their relationship with the monitors, and after this period, we structured this article as an experience report, accompanied by analyzes on the practice of EFA, listing advances obtained and other perspectives to be reached.

**Keywords:** Self-Organization. Collectivity. Participation.

**Resumen:** La autoorganización de los estudiantes es un proceso de fortalecimiento de la colectividad y la vida grupal, basado en la construcción de sistemas de gestión orgánicos y democráticos. En este trabajo, informamos la experiencia de volver a significar la autoorganización de los estudiantes en una Escola Família Agrícola (EFA), iniciada en 2016, como resultado de un proyecto de investigación y experimentación pedagógica (requisito para capacitación inicial en monitores alternos). La metodología de investigación se basó en la revisión bibliográfica, la investigación de campo con la ayuda de cuestionarios y actividades de intervención en la escuela. A través de este proyecto, fue posible ampliar los espacios de capacitación y participación de los estudiantes, mejorando su relación con los monitores, y después de este periodo, estructuramos este artículo como un informe de experiencia, acompañado de análisis sobre la práctica de EPT, enumerando los avances obtenidos y otras perspectivas a alcanzar.

**Palabras clave:** Autoorganización. Colectividad. Participación.

<sup>1</sup> **Submetido em:** 30 jan. 2020 - **Aceito em:** 08 jun. 2020 - **Publicado em:** 12 dez. 2020

<sup>2</sup> Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES) – E-mail: felipemauricio03@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – E-mail: franklin.santos@ufes.br

## Introdução

A construção de uma sociedade democrática e justa perpassa por entendermos a importância e papel da escola neste processo, como uma instituição que atua na formação das pessoas que, por consequência, estão e atuam em sociedade. Segundo Silva, V. (2012), no espaço escolar é comum o uso dos chamados Projetos Pedagógicos como ferramenta para a formação democrática do aluno, porém, falta clareza sobre os objetivos propostos e as práticas que devem ser utilizadas. Gadotti (2007, p. 13), afirma que, “O fracasso de muitos projetos educacionais está no fato de desconhecer a **participação dos alunos**”, ou seja, enquanto educadores, precisamos propiciar momentos e estruturas que possibilitem que os anseios dos estudantes se façam presentes nas escolas e, assim, se sintam parte importante no processo de ensino e aprendizagem e compreendam a importância do conhecimento como forma de intervir na sociedade e transformá-la.

O presente estudo é fruto da implantação de um Projeto de Pesquisa e Experimentação Pedagógica (PPEP), que é requisito para a conclusão do Curso de Formação Inicial de Monitores/Professores do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), que se materializou na Escola Família Agrícola de Marilândia (EFAM), no estado do Espírito Santo, a partir do ano de 2016, e que ainda está em andamento. Discorrido este período inicial, em que algumas ações alcançaram êxitos e outras ainda carecem de aprimoramento, a construção do presente artigo possui como objetivo apresentar o processo de ressignificação da auto-organização dos estudantes na EFAM e analisar os caminhos percorridos e a percorrer a partir da prática em vigor. Após reflexões teóricas sobre a temática, apresentamos os dados coletados a partir de questionários aplicados aos estudantes dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) e do último ano do curso técnico de nível médio em agropecuária (III e IV Etapas) e, em sequência, descrevemos a proposta de auto-organização e participação dos estudantes construída na escola.

A proposta educativa das EFAs está pautada na Pedagogia da Alternância, que ao alternar tempos e espaços de aprendizagem busca dialogar e estudar a realidade em que a escola e seus sujeitos estão inseridos. Conforme destaca Brum (2016, p. 8), “A Alternância, neste contexto, se configura como uma alternativa viável e necessária para a educação dos jovens camponeses”, criando possibilidades para a permanência dos jovens no campo, e acima de tudo na construção do sentimento de pertença por este espaço, a partir da compreensão da importância deste território para a sociedade.

A pedagogia da alternância se consolida como experiência escolar na década de 1930 na França, mas segundo Gimonet (2007), a alternância é mais antiga que a prática das escolas que se estruturam com esta proposta enquanto uma pedagogia. A experiência de uma escola em alternância não surge de espaços acadêmicos, mas de uma realidade em específico, ou seja, a partir de um momento histórico, de uma demanda e da organização de diversos sujeitos que visavam uma formação específica para o contexto do campo.

Como destaca Nosella (2012, p. 45), “Foi a ideia de uma escola realmente para o meio rural e do meio rural; uma escola que rompesse radicalmente com o modelo urbano, não

nascida de um estudo teórico, nem de uma tese pedagógica, nem de um levantamento sociológico”.

As produções de Silva, L. (2012) e Nosella (2012) evidenciam a relação histórica da alternância com a organização dos agricultores, dos movimentos sindicais e da igreja católica, que enxergavam os desafios do campo, e que, era necessário construir uma formação ampla dos jovens camponeses sem que estes perdessem sua relação com o meio, ou seja, construir uma escola que ainda não existia. Segundo Gimonet (1999) e Silva, L. (2012), o espaço agrícola da França, no ano de 1935, se deparava com profundas transformações, que impulsionaram a necessidade de outra escola, mas também dificultaram a expansão e consolidação do movimento das *Maisons Familiales Rurales*,

A França vivia nesta época, ou seja, nos anos 30, período entre as duas grandes guerras, uma situação bastante difícil, na qual o desafio básico era a reconstrução social e econômica da sociedade. Com uma realidade agrária marcada pela permanência de grande número de pequenas propriedades, tendo por base a produção familiar, os agricultores viviam um contexto e uma situação de total abandono: de um lado, um Estado desinteressado pelos problemas do homem do campo e de sua educação, voltado apenas para o ensino urbano; e, de outro, uma Igreja que, apesar de preocupada com a situação dos camponeses, não tinha nenhuma proposta quanto a educação no meio rural (SILVA, L., 2012, p. 35).

Esta realidade evidenciada por Silva, L. (2012) sinaliza que os jovens camponeses acabavam tendo que optar pela permanência na escola e abandono das atividades rurais, ou o contrário. É neste contraste que emerge a necessidade da experiência de uma escola que possibilitasse a permanência e a articulação dos estudos com o mundo do trabalho agrícola. Neste aspecto, Nosella (2012, p. 46) realça também a imagem menosprezada que já era construída naquele período ao campo, “E os pais, de fato, acreditavam que seus filhos para se formarem, para se tornarem sábios e instruídos, deveriam necessariamente mudar para os grandes centros urbanos”. Desta forma, era preciso que a experiência educativa que estava a emergir desconstruísse esta imagem, e para isso, era necessário a construção de uma educação alicerçada na realidade, mas fazendo as pontes com o conhecimento científico.

Por meio da alternância a sabedoria prática e a teoria se juntam. A alternância ajuda a aprofundar constantemente as coisas que acontecem no dia-a-dia da família, comunidade, país e mundo em geral. A alternância ajuda a valorizar o trabalho prático manual do agricultor, muitas vezes pesado, como forma de valorizar a cultura camponesa (ZAMBERLAN, 1995, p. 11).

As contribuições de Zamberlan (1995), nos auxiliam a compreender que a alternância busca articular os conhecimentos escolares à realidade dos estudantes, pois a medida que este sujeito permanece um período com a família e, em seguida, na escola, sendo estes espaços articulados por diversos instrumentos como o plano de estudo, torna-se propício um diálogo entre sua realidade e a escola. Essa perspectiva apontada pelo autor está expressa também no Projeto Político Pedagógico (PPP) da EFAM, no qual apresenta a proposta educativa da escola de integração com a realidade do estudante.

Criada na década de 1990, por meio de reuniões e reivindicações do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e das Comunidades Eclesiais de Base, a implementação da Escola Família Agrícola no município de Marilândia, contou com o apoio do poder público e por

motivações de Dom Geraldo Lyrio Rocha, então Bispo da Diocese de Colatina. A ideia inicial foi fortalecida com o apoio do MEPES, que em 1996, enviou dois educadores para auxiliarem nos debates e trabalhos de base (EFAM, 2016).

Atualmente, a EFAM oferta os anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Profissionalizante, em regime de alternância e utiliza os seguintes instrumentos pedagógicos: Plano de Estudo; Caderno da Realidade; Caderno de Acompanhamento; Avaliação de Habilidade e Convivência; Avaliação Coletiva; Visitas e Viagens de Estudos; Intervenções/Palestras; Cursos; Projetos; Experiências; Estágio; Avaliação Final e Auto-organização da vida de grupo (EFAM, 2016).

Um dos sujeitos mais importantes na escola família é o **monitor**, pois seu trabalho abrange funções que estão além de ministrar aulas (GIMONET, 1999; BEGNAMI, 2003; NOSELLA, 2007). “É sobre ele que se baseia, diariamente, o funcionamento pedagógico, educativo, material do CEFFA” (GIMONET, 1999, p. 125). Ser monitor é valorizar a identidade do projeto que é o Centro Familiar de Formação em Alternância (CEFFA), auxiliando nas diversas atividades da escola, estando comprometido constantemente com a difusão do conhecimento científico e na valorização dos saberes do campo, possibilitando que ao apreender novos saberes a partir de sua realidade, os camponeses estabeleçam seu papel na sociedade e busquem caminhos para sua liberdade e afirmação de seu modo de ser (NOSELLA, 2007).

### Auto-organização, algumas reflexões

Os sistemas de ensino tradicionais, pouco democráticos, se tornam um espaço no qual a sociedade capitalista se reproduz, por meio da utilização de métodos e hierarquias que contribuem para que os sujeitos que estão na escola se tornem objetos, a partir de uma formação fragmentada e hierarquizada. Os estudantes, nestes espaços, se tornam forçadamente seres passivos, recebendo saberes sem compreender sua importância e sem cultivar em si o sentimento de pertencimento pela escola e, por consequência, suas vozes e sentimentos são silenciados (SANTOS, 2010; ARROYO, 2014).

Desta forma, concretiza-se a manutenção dos interesses do poder hegemônico vigente, de impor sobre, e não de dialogar com os povos (estudantes, agricultores, mulheres, negros, indígenas etc.). Porém, a construção de um Estado justo e solidário perpassa por uma necessidade básica, o diálogo, como afirma Freire (1987, p. 72), “Estamos convencidos de que o diálogo com as massas populares é uma exigência radical de toda revolução”. Diante da afirmação de Freire, compreendemos que o diálogo é um grande passo para o envolvimento das massas, e com o auxílio de outros instrumentos serão capazes de transformar sua realidade, a partir da participação efetiva, como destaca Pistrak (2011, p. 143),

Não aspiramos apenas a uma colaboração ativa das massas na vida cotidiana, queremos que elas se dediquem a uma atividade criativa real, participando na transformação rápida (exigida pelas novas condições) das formais características da ordem vigente. As massas trabalhadoras, utilizando a herança do passado, devem construir, e construir rapidamente um mundo novo e grandioso.

Sabemos que não ocorre a transformação apenas ouvindo as bases, e quando se fala em bases nos deparamos com mais um conceito de que o individual passa a ser coletivo, afinal é preciso ouvir os povos, e não uns ou outros em meio ao povo, caso se concretize esta segunda situação estaremos estabelecendo uma falsa democracia, que propiciará a manutenção de um sistema autoritário. Mas o que são os coletivos? Como e por que identificá-los? Pistrak (2011) conceitua como uma “concepção integral” e não um simples total referido às suas partes, o coletivo apresenta propriedades que não são inerentes do indivíduo, desta forma, o coletivo é a manifestação particular e individual de um grupo, respeitando as diferenças e peculiaridades.

A auto-organização tem a função de formar politicamente os estudantes, de forma articulada com as questões pedagógicas, porque a escola tem a função social de socializar e produzir conhecimentos, ou seja, aprender a se organizar, participar, questionar, a ser crítico, escrever, ler, interpretar, calcular, obter conhecimentos científicos já elaborados e fazer ligação com a realidade e, assim, construir uma formação integral e libertadora, que enxergue o ser humano em sua totalidade (MACHADO; CAMPOS; PALUDO, 2008).

Porém, Pistrak (2011) alerta para os caminhos que a auto-organização pode tomar na prática pedagógica da escola. Por um lado, caso ela seja entendida como mecanismo de “ajuda” ao educador, a mesma se tornará insuficiente, porque atuará no campo mecânico da execução das atividades, não se infiltrando e se preocupando com o mais importante, que é a formação da criança e do jovem, portanto, uma falsa participação e democracia se estabelecerão. Por outro lado, a auto-organização deve ser “Movimento e presença” com os educandos, sendo o educador um companheiro dos estudantes, possibilitando o efetivo desenvolvimento do processo. Este segundo tipo de manifestação da auto-organização torna-se mais complexo e difícil de concretizar-se, necessita de maior empenho, presença e participação dos educadores reconhecendo-se em processo de formação.

A partir da auto-organização, as crianças e jovens se tornam capazes de intervir e resolver conflitos na vida de grupo, porém, em determinados momentos, o educador precisa assumir o seu papel, visto que os estudantes ainda não desenvolveram a maturidade para solucionar todas as dificuldades. A auto-organização não pode se tornar um instrumento em que os educandos apenas manifestem problemas, que “reclamem” dos desafios, e quando isto acontecer o educador deve intervir, e por meio do diálogo, garantir que os educandos façam as críticas necessárias, mas também indicar possíveis alternativas. “Um dos objetivos da organização é quebrar a autoridade absoluta do chefe, baseada na força, substituindo-a pela autoridade do coletivo, encarregado de criar sua vida e sua própria organização” (PISTRAK, 2011, p. 161).

Sendo os estudantes sujeitos em processo de formação, percebemos o quão importante é a formação de seu espírito de liderança e protagonismo, possibilitando que estejam na sociedade, questionando, observando, criticando e construindo. Souza (2016, p. 19), conceitua protagonismo juvenil, como “A participação dos jovens em atividades que extrapolam o âmbito de seus interesses individuais e familiares. Protagonista é a pessoa que ocupa um lugar de destaque num acontecimento. Ser protagonista é ser ator, entrar em cena, participar”.



A partir deste diálogo sobre o protagonismo, observamos que este processo se materializa no contexto da Pedagogia da Alternância, no qual os estudantes se organizam para a execução das atividades de estudo, trabalho, nas relações sociais e momentos individuais e coletivos, “o sujeito promocional busca desenvolver continuamente as potencialidades humanas em todas as dimensões em vista do homem social, portanto não existe promoção individual, o homem se promove junto com os outros” (UNEFAB, 2008, p. 33).

A auto-organização dos estudantes vai se construindo, não se torna um mecanismo de dominação, mas capaz de integrar o coletivo, que por sua vez é diverso, contribuindo para que a vida de grupo se torne saudável e organizada dentro do ambiente escolar. Contribui, ainda, para o rompimento com a cultura paternalista, muito difundida em escolas tradicionais, em que o educador se apodera de todas as possibilidades de participação que os estudantes poderiam ter, tornando-se ainda assistencialista aos educandos,

O paternalismo é anti-educacional, anti-promocional, pois opõe a auto-realização do marginalizado. O estatismo ditatorial tira a liberdade, impedindo a auto-promoção autêntica e o assistencialismo se converte em o “ópio do povo” que adormece marginalizado, servindo de obstáculo às iniciativas particulares deles ou criando conformismo (ENRÍQUEZ 1970, p. 53 *apud* UNEFAB, 2008, p. 34).

Os sistemas de auto-organização dos estudantes na pedagogia da alternância contribuem para o aprimoramento da prática de coordenar, pois propicia que todos os estudantes participem do processo, possam opinar, coordenar e serem coordenados. Neste sentido, estamos diante de um nível de formação que ultrapassa os saberes científicos, e desta forma constrói-se uma formação ampla, também chamada na alternância de integral, ao enxergar o educando como um todo e complexo. “Desta forma, a Pedagogia da Alternância propõe uma Formação Integral que leve em conta todas as dimensões da pessoa, formando cidadãos autônomos, com consciência crítica e solidária que constitui base do desenvolvimento pessoal e comunitário” (ROCHA, 2007, p. 6).

## **Associação de estudantes como possibilidade de materialização da auto-organização**

Nos CEFFAs, o processo de auto-organização da vida de grupo se concretiza também pela associação de estudantes, um espaço de participação e organização que contribui para o desenvolvimento da promoção humana, e no contexto da pedagogia da alternância possibilita abranger vários aspectos da formação, caminhando para além do conhecimento científico, o que é predominante na escola tradicional/convencional. A associação possibilita ainda a participação coletiva dos educandos, e os mesmos compreendem a importância da vivência em grupo para a superação dos problemas e desafios da organização (UNEFAB, 2008).

O protagonismo ocorre através da auto-organização nas diversas atividades das instâncias da associação de estudantes, tanto no âmbito das comissões, como na coordenação das mesmas. Cada turma de estudantes para articular a sua participação a nível do coletivo da própria turma e no coletivo da associação promove sua auto-organização interna (UNEFAB, 2008, p. 40).

Segundo relatos de alguns monitores dos CEFFAs, as associações de estudantes nas escolas tiveram grandes mudanças ao longo da história. No início não se possuía um sentido pedagógico, as escolas criavam a associação como algo à parte, avançando pouco na reflexão em torno do real sentido desta proposta. Porém, nos CEFFAs de Vinhático (Montanha – ES) e no Bley (São Gabriel da Palha – ES), em articulação com os movimentos sociais e com a expansão e organização da Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância (RACEFFAES) (Regional que atua na expansão e fortalecimento da Pedagogia da Alternância no norte do Estado do Espírito Santo), estas escolas desenvolveram experiências de associação que contribuíram para a teorização desta prática, objetivando ampliar a formação dos educandos. Uma das bandeiras que as EFAs possuem é a construção de uma nova sociedade, mais justa e solidária, sendo preciso repensar os espaços da escola, rompendo com ideais tradicionais. Este foi um importante argumento para a mudança no sentido e estrutura das associações de estudantes e, para tal, avançou-se das experiências de presidencialismo (visão de hierarquia), para propostas que possibilitem a gestão compartilhada (visão horizontal), utilizando de comissões, coletivos ou núcleos de base, como já é praticado pelos movimentos sociais, em especial, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e o Movimento dos Pequenos Agricultores, experiências fortes no norte do Estado do Espírito Santo, região de abrangência da RACEFFAES.

De acordo com o Estatuto da Associação dos estudantes da Escola Família Agrícola de Ensino Médio e Educação Profissional de Jaguaré (AEEFAJ), em seu capítulo II, artigo 3º, as finalidades da associação são assim descritas:

- a) Promover uma vida de grupo organizada e agradável no ambiente, sobretudo na sessão, incentivando a cooperação e a solidariedade.
- b) Garantir a participação organizada na vida do CEFFA.
- c) Promover atividades culturais e esportivas com a participação comunitária para a preservação e divulgação cultural e como forma de angariar recursos para a AEEFAJ.
- d) Adquirir materiais didáticos e esportivos a preços facilitados ou gratuitamente.
- e) Participação no planejamento-organizado e economicamente no programa de encerramento, passeios e viagens de estudo.
- f) Divulgar o sistema do CEFFA e a AEEFAJ.
- g) Garantir a participação dos estudantes na gerência do CEFFA (AEEFAJ, 2015, s.p.).

Podemos observar que a função da associação vai além do executar as tarefas, possibilitando que os educandos possuam outros espaços de formação, fortalecendo a coletividade, rompendo o individualismo. Quanto à questão do individualismo, percebemos que toda ação organizada busca romper com este vício, contribuindo para fortalecer as relações entre os sujeitos, pois como destaca Moraes (1986), a pessoa individualista age pelo oportunismo.

Ao defender o indivíduo, o individualista tem presente a defesa de seu próprio interesse. Nas reuniões ou assembleias não ouve ninguém e se considera uma pessoa com direito de falar por longo tempo. Pelo fato da ação organizada implicar na distribuição equitativa de sacrifícios e prazeres, o individualista não gosta que se organizem as ações (MORAIS, 1986, p. 29).

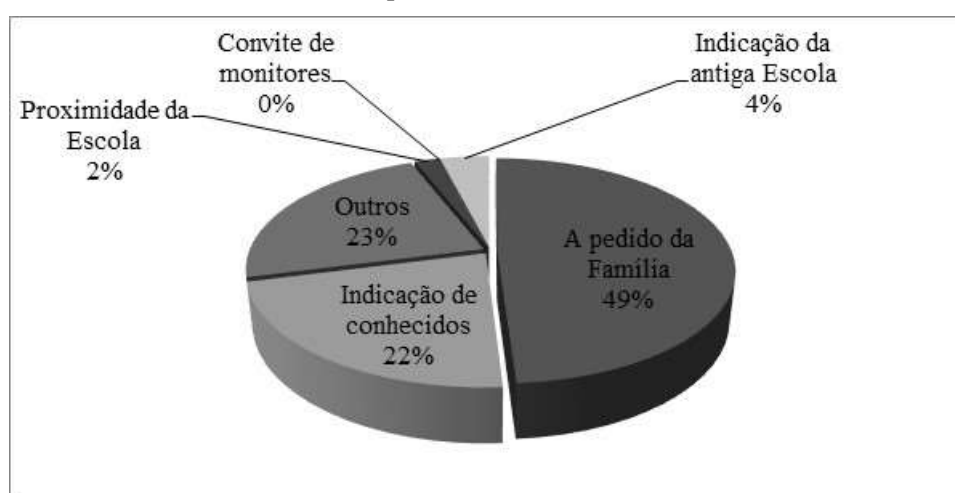
Portanto, romper com a lógica do individualismo e propiciar um ambiente que garanta a participação da coletividade é um desafio e ao mesmo tempo uma possibilidade, pois a lógica do individualismo vai de encontro com os pilares da pedagogia da alternância, em especial, o da formação integral do jovem e da gestão associativa (ROCHA, 2007). No contexto da educação do campo, Silva (2007) salienta que esta é uma proposta educativa que visa a formação omnilateral do ser humano, enxergando todas as potencialidades do indivíduo, atentando para seus direitos e deveres no processo de ensino e aprendizagem, portanto, buscando trabalhar a coletividade

Feito para ser mais, o ser humano é ontologicamente chamado a desenvolver nos limites e nas vicissitudes de seu contexto histórico, todas as suas potencialidades materiais e espirituais, buscando dosar adequadamente seu protagonismo no enorme leque de relações que a vida lhe oferece, incluindo as relações no mundo e com o mundo, as relações intrapessoais, estéticas, de gênero, de etnia, de produção (SILVA, 2007, p. 53).

## Percepção dos estudantes sobre a organização na EFAM

Conheceremos, neste momento, algumas interpretações dos estudantes da escola sobre conceitos que envolvem a auto-organização, e ainda sobre sua relação com a escola e da família com organizações e movimentos sociais. Com auxílio de questionário, foram pesquisados 83 estudantes, com idades que variam entre 11 e 18 anos. Nas primeiras perguntas, identificamos o tempo que os estudantes estavam na escola e por qual motivo estavam frequentando a mesma, sendo que 37% ali estudavam por até um ano, 50% de 1 a 3 anos e 13% acima de três anos. Questionados sobre o motivo de estudarem na EFA de Marilândia, observamos uma diversidade de situações, como descrito no gráfico 1.

Gráfico 1. Motivos por estudarem na EFA de Marilândia.

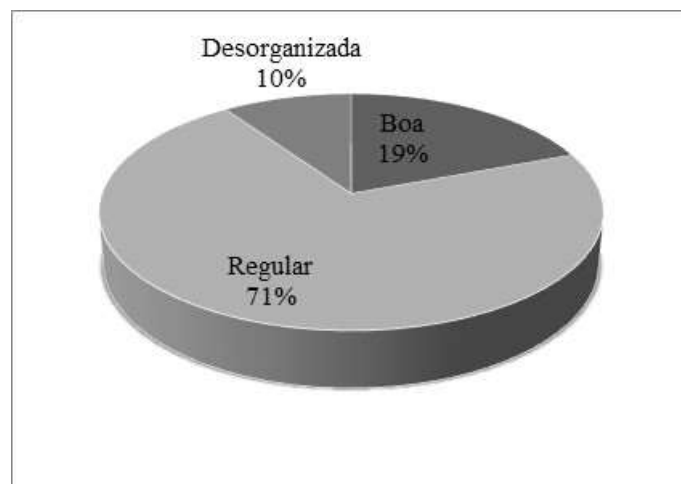


Fonte: Dados da pesquisa (2016).



Ao serem questionados sobre as formas de participação e organização dos estudantes na escola, percebemos que muitos relataram ter pouco espaço de participação (70%), mas comparado com outras escolas que não adotam a alternância, 76% afirmaram que, ainda assim, na EFA possuem mais oportunidades de participar do dia a dia da escola.

**Gráfico 2.** Nível de Organização dos estudantes na Escola.

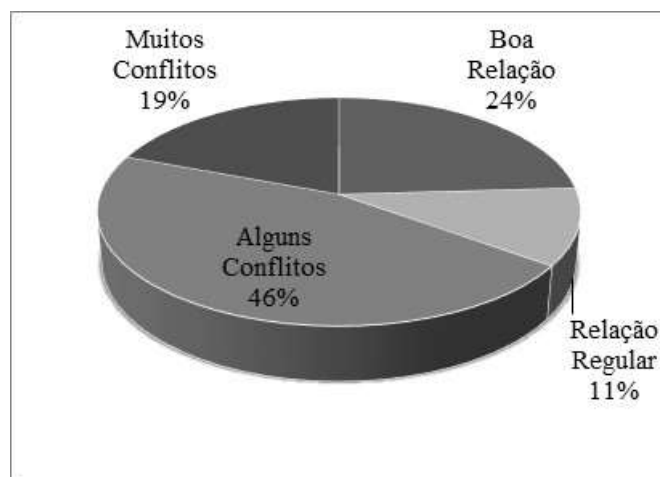


Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Em relação ao conhecimento sobre associação de estudantes, 49% dos estudantes alegaram nunca ter ouvido falar nesta forma de organização, 47% disseram que ouviram falar pouco, e apenas 4% disseram que ouviram falar muitas vezes. Estes números são preocupantes, visto que há várias experiências em Alternância no Espírito Santo que utilizam associação de estudantes, e este instrumento ainda não era praticado pela escola. Outro dado que merece atenção, é que 62% dos estudantes dizem nunca ter ouvido falar em auto-organização dos estudantes, sendo que a mesma já era praticada pela escola (de maneira mais simplificada), necessitando então de um aprimoramento pedagógico, pois os estudantes não se reconheciam num sistema de auto-organização.

Nas relações entre monitores e estudantes, identificamos que 51% dos estudantes entrevistados disseram que já tiveram algum conflito com os monitores da escola, e apenas 38% disseram nunca ter nenhum conflito. Questionados sobre como analisam e percebem as relações dos estudantes, de modo geral, na escola com os monitores, fica evidente as relações tensas que se estabelecem na escola, como demonstrado no gráfico a seguir.

**Gráfico 3.** Avaliação da relação Estudantes e Monitores na EFA.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Por fim, identificamos as relações dos estudantes e de suas famílias com os movimentos e organizações sociais. Neste aspecto, 99% dos estudantes entrevistados disseram que sua família participa de algum movimento ou organização social, sendo que a Igreja é a organização que aparece em maior quantidade, seguida do sindicato (trabalhadores rurais e servidores públicos), associações em geral, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e outras organizações.

### **Ressignificação da auto-organização dos estudantes na EFAM**

Após a realização da pesquisa com estudantes como apresentamos acima, na qual construímos um pequeno diagnóstico a partir de suas inquietações, na sequência estas informações foram apresentadas para a equipe de monitores da EFAM, em janeiro de 2016, sendo um fator importante para a construção de uma proposta de auto-organização que propiciasse a participação dos estudantes, seguindo os fundamentos teóricos da alternância.

Cientes das inquietações dos estudantes sobre a temática, a equipe de monitores passou por um momento de formação interno, compreendendo o que seria a auto-organização, qual a sua importância e como contribuiria para a formação integral dos estudantes. Dando continuidade a esta formação, a equipe passou a conhecer (a partir de relatos que trouxemos), experiências de outras escolas que adotam sistema de organização, construindo assim possibilidades para a EFAM, visando a gestão compartilhada da escola e o fortalecimento da relação dos monitores com os estudantes. A escola já possuía atividades agropecuárias, de manutenção da escola e com pouca ênfase no exercício da coordenação, porém, ambas atividades estavam desconectadas, e neste momento de formação encaminhou-se de criar um sistema que agrupasse todas estas tarefas, trazendo, ainda, a presença do monitor como auxiliar no processo.

Em seguida, a equipe de monitores construiu coletivamente as possíveis comissões e suas abrangências, lembrando que as mesmas só estariam prontas após serem apreciadas e

aprovadas pelos estudantes no retorno das aulas, o que por consequência ocorreu. Outra preocupação e sugestão que a equipe apresentou foi quanto ao número de monitores em cada comissão, pois em algumas haveria maior necessidade de monitores e estudantes devido a sua abrangência, como, por exemplo, a comissão de pensionato, com diversas atividades práticas na manutenção do prédio da escola.

A proposta das comissões foi algo inovador na EFAM, pois em diversas atividades da escola, monitores e estudantes, estariam todos integrados num mesmo sistema que engloba toda a instituição, dado que cada comissão foi construída possuindo **atividades de manutenção** (tarefas que os estudantes desenvolvem no dia a dia da escola, como limpeza das salas de aula, recolhimento do lixo das salas, organização da biblioteca, dentre outras); **Atividades agropecuárias** (que são realizadas na propriedade da escola e no prédio durante o momento das atividades de campo, como, por exemplo, construção de canteiros, plantio de culturas, culinária, dentre outras – esta atividade é realizada uma vez por semana e todas as turmas a realizam ao mesmo tempo); e **Tarefas de Função** (que são atividades específicas de cada comissão, de acordo, inclusive, com seu nome, como o controle dos materiais esportivos, entrega e recolhimento de livros, coordenação das sessões escolares, elaboração de cardápio, realização de místicas, dentre outras).

Ao todo foram construídas oito comissões, que ao longo do tempo poderiam ser fundidas ou, ainda, criadas novas, de acordo com as avaliações realizadas e com o andamento da experiência. Deste modo, inicialmente, foram criadas as seguintes comissões: Pensionato; Agropecuária; Esporte e Lazer; Infraestrutura e Finanças; Cultura e Mística; Disciplina e Tarefas; Estudo; e, Informática e audiovisuais.

As comissões são coordenadas pelos estudantes, e em observância ao grau de maturidade, esta coordenação é exercida pelos estudantes das séries (dos anos) maiores, propiciando que todos passem por esta função na medida em que vão estudando na EFAM. Ficou encaminhado que no início de cada semana de aula (sessão escolar), a comissão se reuniria em locais e com pastas específicas (Figura 1) e fariam o planejamento semanal (Figura 2). As pastas e planejamentos eram utilizados por ambas as sessões escolares, garantindo, ainda, a integração entre os estudantes da escola.

**Figura 1.** Pastas das Comissões para planejamento das atividades semanais.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Figura 2. Ficha de Planejamento Semanal.

Auto-organização dos Estudantes - Escola Família Agrícola de Marilândia		
Comissão CULTURA E MÍSTICA	Série 6 <sup>a</sup> , 7 <sup>a</sup> , 8 <sup>a</sup> e 9 <sup>a</sup>	Sessão 5 <sup>a</sup>
Atividades de Função	Atividades de Manutenção	Atividades Agropecuárias
Sem: Kacismark  Bimpo - quinta-feira na hora do almoço  6 <sup>a</sup> → Ruy 7 <sup>a</sup> → Carla 8 <sup>a</sup> → Kacismark 9 <sup>a</sup> → Beatriz Auxiliar: Jayne e Carla 12:30 começa	Bide: Jefferson  Horário de almoço: Beatriz e Danilo  Repetição da tarde: Jayne e Raquel  Sem tarefas Ruy, Carla	Recolher: Kacismark  Lançar: Jayne, Danilo, Raquel Rantelari: Jefferson, Ruy  Vícios: Carla, Beatriz

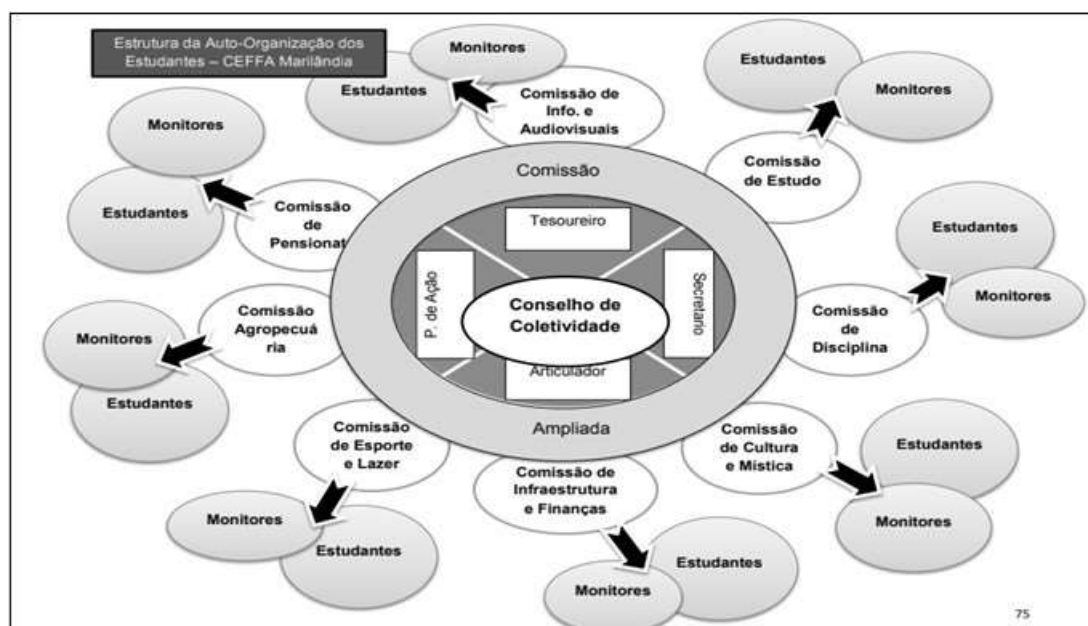
Fonte: Arquivo do pesquisador.

Cada coordenador de comissão faz parte de outra estrutura da organização, a Comissão Ampliada, que possui como atribuições: garantir a gestão das tarefas da sessão; ser um meio de diálogo entre os estudantes da sessão junto ao conselho de coletividade; ser um espaço político e de formação através da coordenação; acompanhar os trabalhos do conselho de coletividade; zelar pelo bom andamento das atividades da escola e da associação; eleger o secretário, articulador, tesoureiro e acompanhante de plano de ação da associação.

Outra estrutura da organização é o Conselho de Coletividade, um espaço de gestão da associação dos estudantes, e buscando fugir de estruturas hierárquicas, o conselho é composto por um articulador de cada sessão (que possui atribuições de convocar e coordenar as reuniões), um secretário de cada sessão (que é responsável de fazer o registro das reuniões, atas, documentos e correspondências), um Tesoureiro de cada sessão (responsável pelo controle contábil dos estudantes e pela prestação de contas) e por um Acompanhante de Plano de Ação em cada sessão (que deve acompanhar, verificar e potencializar o andamento das ações planejadas pela associação de estudantes).

Comissão ampliada e conselho de coletividade garantem a integração entre todas as partes da organização, e foi proposto que se reunissem periodicamente (comissão ampliada toda semana; conselho, três vezes ao ano). Esta proposta foi construída observando as peculiaridades da escola, e em observação às experiências de outras escolas em alternância, em especial da Escola Família Agrícola de Jaguaré e das reflexões teóricas de UNEFAB (2008) e Pistrak (2011).

Figura 3. Estrutura da Auto-Organização dos Estudantes da EFA de Marilândia.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Em cada sessão escolar, as atividades iniciais de implantação do projeto buscaram seguir uma sequência que propiciasse maior participação e formação dos estudantes. Primeiramente, foi conduzido aos estudantes do ensino médio e curso técnico em agropecuária (pois seriam os estudantes coordenadores) e, em seguida, com as demais séries/anos, uma breve formação com o tema “Auto-Organização dos Estudantes e Exercício do Protagonismo e Coordenação”, realizando um breve diagnóstico da organização e participação deles nas atividades da escola. Depois, os estudantes assistiram o vídeo “Assembleia na Carpintaria”, que trata de uma reflexão em torno da importância de todos participarem em uma organização. Ao final do vídeo, e dos debates por ele produzidos, realizou-se uma conversa em torno de alguns conceitos e aplicações da coordenação e da auto-organização, e qual a contribuição desta para o fortalecimento da formação dos jovens. Em seguida, foi submetido aos educandos a proposta que a equipe planejou, a mesma foi explanada ao máximo, avaliada e realizada as possíveis alterações. Ao final do momento, os estudantes se dividiram nas comissões obedecendo questões de gênero e afinidade de cada educando, estudaram um texto sobre a auto-organização dos estudantes, conheceram a abrangência de suas comissões e planejaram as atividades para serem realizadas já naquela semana.

Foram realizados diversos momentos de formação, visitas em outras escolas, reuniões a fim de fortalecer a proposta da auto-organização dos estudantes, que culminou com a criação da associação no final do ano de 2016, numa assembleia fracionada, ou seja, cada sessão escolar realizou este momento. Vale ressaltar assim como orienta Pistrak (2011), que as comissões sempre respeitaram a dinâmica do rodízio, com isso, os estudantes passavam a conhecer outras comissões e suas respectivas atividades a cada três sessões escolares, e os estudantes coordenadores a cada seis sessões, assim davam continuidade nas atividades e planejamento das comissões.

## Considerações sobre os avanços e desafios da auto-organização dos estudantes na EFAM

Pistrak (2011, p. 19) afirma que, “Sem teoria pedagógica revolucionária, não poderá haver prática pedagógica revolucionária”. Sendo assim, pensar e praticar uma escola que se comprometa com a transformação da sociedade, perpassa por rever suas práticas, na construção de uma proposta de ensino que valorize a democracia, a liberdade e a participação de todos. Uma escola que lança olhares para a construção de uma cultura democrática, prepara os sujeitos que nela passam para que possam intervir na sociedade, e a transforme, num espaço mais justo e igualitário, como salienta Saviani (1984, p. 50), “Sobre essa base da igualdade, e é sobre, justamente, a liberdade, que se vai postular a reforma da sociedade”.

O processo de auto-organização dos estudantes contribui para que os mesmos participem ativamente do cotidiano da escola, rompendo com uma postura passiva, para uma atuação ativa no ambiente escolar. Destacamos, ainda, que a auto-organização dos estudantes respeita as peculiaridades de cada ambiente, não possuindo receita pronta e acabada, mas orientações e princípios que possibilitam sua inserção em diferentes espaços.

Ao tratarmos de uma escola do campo, salientamos que estamos diante de uma proposta de ensino e aprendizagem que dialogue com a realidade dos sujeitos, com um currículo articulado a uma visão de mundo e de sociedade que extrapole os muros da escola, que se preocupa com a transformação da sociedade a partir das pessoas conscientizadas de seu papel no mundo (CALDART, 2012). A formação em alternância possibilita que os estudantes que por ela passem enxerguem o mundo e a sociedade de uma forma diferente, respeitem os limites da natureza, compreendam as desigualdades e relações sociais (ZAMBERLAN, 1995; NOSELLA, 2012), e é, neste sentido, que a auto-organização atua, possibilitando romper o individualismo e demais vícios que afetam a dinâmica de alguma organização.

A resignificação da auto-organização na EFA de Marilândia possibilitou diversos avanços quanto à participação e envolvimento dos estudantes no ambiente escolar, configurando uma nova dinâmica de trabalho na escola e estabelecendo outras relações dialógicas entre educadores e educandos. Os estudantes construíram outros espaços de presença na escola, tais como no planejamento e execução de momentos de lazer, cultura, formulação do cardápio semanal e representação da escola em outros espaços.

Após este período de mudanças na estrutura da auto-organização dos estudantes na EFA, alguns desafios ainda estão presentes no qual precisam de maior aprofundamento e reflexão. A auto-organização provoca uma mudança de postura por parte do educador nas suas relações com o estudante, agora o educador deve se abrir ao diálogo, perpassando pelo respeito aos saberes e autonomia do educando (PISTRAK, 2011; FREIRE, 2014). No entanto, muitos educadores possuem resistências com esta tendência, pela “perda de espaços” e por desacreditarem na potencialidade dos estudantes em conduzir uma organização, sendo evidente, este aspecto, pelo não prosseguimento da associação de estudantes na escola, fundada no final de 2016, mas que não criou raízes e nutrição por parte da equipe, que tem como função assessorar os estudantes.



Para Pistrak (2011), a auto-organização pode se concretizar por uma via de ajuda ao professor, isto quando a mesma não se interioriza em todos os espaços da escola. Neste sentido, o fato de passados três anos após estas mudanças no cotidiano da EFA, e o não andamento da associação de estudantes, criada em 2016, em que estudantes e monitores não compreenderam este instrumento que potencializa sua participação na escola, permite observar que mudanças mais amplas, sugeridas pelos estudantes no planejamento da instituição, ainda são pouco notáveis.

Destacamos, ainda, que a auto-organização dos estudantes na EFA está em andamento, e ao criar raízes em uns aspectos, e necessitando de avanços em outros, são sinais para que se continue refletindo e buscando aprimorar constantemente esta proposta. Ressaltamos que é fundamental a retomada dos estudos e aprofundamentos teóricos sobre a auto-organização com educadores e educandos, pois percebemos resistências por parte de alguns destes sujeitos para outros avanços da proposta, a fim de progredir para uma estrutura mais orgânica. Neste sentido, os educadores possuem papel fundamental (PISTRAK, 2011), à medida que muitos estudantes, em função de sua idade, não construíram maturidade suficiente para gerir todas as demandas expressas numa organização.

## Referências

AEEFAJ. Associação de Estudantes da escola Família Agrícola de Ensino Médio e Educação Profissional de Jaguaré. **Estatuto da AEEFAJ**. Jaguaré, 2015.

ARROYO, Miguel González. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BEGNAMI, João Batista. **Formação pedagógica de monitores das Escolas Famílias Agrícolas e Alternância**: um estudo intensivo dos processos formativos de cinco monitores. 2003. 319 f. Dissertação (Mestrado Internacional em Ciências da Educação) - Universidade de Nova Lisboa, Portugal e Universidade François Rabelais de Tours, França, 2003.

BRUM, Julia Letícia Helmer. **O Plano de estudo e a integração dos conhecimentos na Pedagogia da Alternância**. 2016. Monografia (Especialização em Pedagogia da Alternância) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Vitória, ES, 2016.

CALDART, Roseli Salette. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salette *et al.* (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 259-267.

EFAM. Escola Família Agrícola de Marilândia. **Projeto Político Pedagógico**. Marilândia, Espírito Santo, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. 1. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GIMONET, Jean-Claude. **Perfil, Estatuto e Funções dos Monitores**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA, 1., Salvador, 1999. **Anais...** Salvador, 1999.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MACHADO, Carmen Lucia Bezerra; CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares; PALUDO, Conceição. **Teoria e prática da Educação do Campo: análises de experiências**. Brasília: MDA, 2008.

MORAIS, Clodomir Santos de. **Elementos sobre a Teoria da Organização no Campo**. Caderno de Formação nº 11. São Paulo: MST, 1986.

NOSELLA, Paolo. **Educação no Campo: origens da pedagogia da alternância no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2012.

NOSELLA, Paolo. Militância e profissionalismo na educação do homem do campo. **Revista de Formação por Alternância**, Brasília, v. 4, p. 5-17, jul. 2007.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da escola do trabalho**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

ROCHA, Isabel Xavier de Oliveira. A formação integral nos centros familiares de formação por alternância. **Revista da Formação por Alternância**, Brasília, v. 3, n. 5, p. 5-18, dez. 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 1984.

SILVA, Lourdes Helena da. **As experiências de formação de jovens do campo: alternância ou alternâncias?** Curitiba: Editora CRV, 2012.

SILVA, Maria do Socorro. A formação integral do ser humano: referência e desafio da Educação do Campo. **Revista da Formação por Alternância**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 45-61, 2007.

SILVA, Vandrê Gomes da. Projeto pedagógico e qualidade do ensino público: algumas categorias de análise. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 204-225, jan./abr. 2012. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000100012>.

SOUZA, Rui Antônio de. Juventude, revolução e protagonismo. **Mundo Jovem um jornal de ideias**. Porto Alegre, ano 54, n. 463, p. 19, 2016.

UNEFAB. União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. **Revista da Formação por Alternância - Juventudes Rurais**. Brasília: Cidade Gráfica e Editora LTDA, 2008.

ZAMBERLAN, Sérgio. **Pedagogia da Alternância**. Vitória/ES: Gráfica Mansur Ltda, 1995.

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre

